

Reflexões sobre o Pensamento Comunicacional Latino-americano

Maria Cristina Gobbi e Denis Renó (Orgs.)

Prefácio: Jorge A. González



Maria Cristina Gobbi
Denis Renó
(Orgs.)

Reflexões sobre o Pensamento Comunicacional Latino-americano

Prefácio Jorge A. González

Ria Editorial - Comité Científico

Abel Suing (UTPL, Equador)
Alfredo Caminos (Universidad Nacional de Córdoba, Argentina)
Andrea Versuti (UnB, Brasil)
Angelo Sottovia Aranha (Universidade Estadual Paulista – UNESP, Brasil)
Anton Szomolányi (Pan-European University, Eslováquia)
Carlos Arcila (Universidad de Salamanca, Espanha)
Catalina Mier (UTPL, Equador)
Denis Porto Renó (Universidade Estadual Paulista – UNESP, Brasil)
Diana Rivera (UTPL, Equador)
Fatima Martínez (Universidad do Rosário, Colômbia)
Fernando Ramos (Universidade de Aveiro, Portugal)
Fernando Gutierrez (ITESM, México)
Fernando Irigaray (Universidad Nacional de Rosario, Argentina)
Gabriela Coronel (UTPL, Equador)
Gerson Martins (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Brasil)
Hernán Yaguana (UTPL, Equador)
Jenny Yaguache (UTPL, Equador)
Jerónimo Rivera (Universidad La Sabana, Colombia)
Jesús Flores Vivar (Universidad Complutense de Madrid, Espanha)
João Canavilhas (Universidade da Beira Interior, Portugal)
John Pavlik (Rutgers University, Estados Unidos)
Joseph Straubhaar (Universidade do Texas – Austin, Estados Unidos)
Juliana Colussi (Universidad do Rosario, Colombia)
Koldo Meso (Universidad del País Vasco, Espanha)
Lorenzo Vilches (Universitat Autònoma de Barcelona, Espanha)
Lionel Brossi (Universidad de Chile, Chile)
Maria Cristina Gobbi (Universidade Estadual Paulista – UNESP, Brasil)
Maria Eugenia Porém (Universidade Estadual Paulista – UNESP, Brasil)
Manuela Penafria (Universidade da Beira Interior, Portugal)
Marcelo Martínez (Universidade de Santiago de Compostela, Espanha)
Mauro Ventura (Universidade Estadual Paulista – UNESP, Brasil)
Octavio Islas (Pontificia Universidad Católica, Equador)
Oksana Tymoshchuk (Universidade de Aveiro, Portugal)
Paul Levinson (Fordham University, Estados Unidos)
Pedro Nunes (Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Brasil)
Raquel Longhi (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Brasil)
Ricardo Alexino Ferreira (Universidade de São Paulo – USP, Brasil)
Sergio Gadini (Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, Brasil)
Thom Gencarelli (Manhattan College, Estados Unidos)
Vicente Gosciola (Universidade Anhembi Morumbi, Brasil)

Reflexões sobre o Pensamento Comunicacional Latino-americano. Maria Cristina Gobbi & Denis Renó (Orgs.). - 1a edição - Aveiro: Ria Editorial, 2020.

349 p.

Livro digital, PDF.

Arquivo Digital: download e online

Modo de acesso: www.riaeditorial.com

ISBN 978-989-8971-25-8

Prefácio Jorge A. González

1. Pensamento comunicacional. 2. Comunicação. 3. Latino América. 4. Mídia.
I. Gobbi, Maria Cristina. II. Renó, Denis. III. Título.

Copyright das imagens pertencem aos seus respectivos autores.

© Design e Foto de Capa: Denis Renó

Diagramação: Luciana Renó

© Ria Editorial
Aveiro, Portugal
riaeditora@gmail.com
<http://www.riaeditorial.com>



Licença:

>: Atribuição - Não Comercial - Sem Obras Derivadas 4.0 Internacional

>: Você é livre para:

- copiar, distribuir, exhibir, e executar a obra

Baixo as seguintes condições:

- Atribuição. Você deve atribuir a obra na forma especificada pelo autor ou o licenciante.

- Não Comercial. Você não pode usar esta obra com fins comerciais.

- Sem Obras Derivadas. Você não pode alterar, transformar ou criar sobre esta obra.

<https://creativecommons.org/licenses/?lang=pt>



As Interfaces entre o Pensamento Decolonial e os Estudos em Folkcomunicação na América Latina

Karina Janz Woitowicz
Muriel Emídio Pessoa do Amaral

A trajetória histórica da América Latina tem como marca o processo de colonização, responsável pela escravidão, genocídio e exploração de povos de origem africana e indígena. Desigualdades sociais, dependência econômica e política, diferenças culturais e também resistências constituem a base sobre a qual se constituíram os países da região. Esta particularidade, enquanto um elemento da realidade sociocultural, demanda não apenas processos de identificação que envolvem a sociedade latino-americana como também a formulação de um pensamento próprio, ancorado em vivências e experiências demarcadas pelo território.

No entanto, no que se refere à trajetória acadêmica da América Latina, permaneceram vigentes por muito tempo perspectivas teóricas do colonialismo, notadamente as pesquisas norte-americanas de viés desenvolvimentista, em uma transposição de modelos oriundos dos chamados países desenvolvidos do Ocidente, incapazes de compreender as dinâmicas e a complexidade da região. Esta percepção vai ao encontro da análise de Marques de Melo (2003) a respeito da Escola Latino-americana de Comunicação, que ocupa lugar pouco destacado nas

universidades brasileiras. Para o pesquisador, a tendência de privilegiar modelos ‘de fora’ e ignorar as contribuições de pensadores regionais e nacionais reflete o que intitulou como “complexo do colonizado”.

Somente a partir dos anos 1970 – em meio a debates sobre concentração e dependência no campo da comunicação, ao comprometimento político de pesquisas preocupadas com a defesa da democracia e a busca de alternativas para a realidade dos países que enfrentavam regimes autoritários – é que se coloca aos pesquisadores e instituições o desafio de descolonizar o pensamento e as práticas sociais e valorizar perspectivas críticas na América Latina¹.

Em meio a este processo, é fundamental reconhecer as contribuições pioneiras de Luiz Beltrão (1971, 2001), que formulou uma teoria brasileira – a folkcomunicação - dedicada a compreender os fenômenos comunicacionais presentes nas manifestações da cultura, esforço este que encontra sintonia em diversos autores latino-americanos. Apenas para citar alguns, nos anos 1980 Martín-Barbero (2003) desenvolve o conceito de mediações para compreender os sistemas de comunicação, reconhecendo os usos sociais dos meios e a pluralidade das matrizes culturais; e, em perspectiva semelhante ao trabalho de campo desenvolvido por Beltrão, baseado em pesquisa etnográfica, González (2016) observa nos meios de comunicação popular as tensões e os símbolos culturais dos grupos subordinados em sua teoria das “frentes culturais”.

1. Segundo Martín-Barbero (2014), a construção do campo de estudos da comunicação tem início na América Latina nos anos 1970 com as ideias gestadas em torno da “teoria da dependência”. Para o autor (Martín-Barbero, 2014, p. 22): “Lo que en últimas puso realmente en disputa la investigación latinoamericana en sus primeros años no fue el peso de los medios en la modernización de estos países sino el sentido de la comunicación en la emancipación de nuestras sociedades”.

De acordo com Oller e Tornay (2017, p. 318), o pensamento crítico latino-americano “debe ser comprendido y estudiado en el marco de los procesos emancipatorios que emprendieron algunos pueblos del continente y de otras corrientes de pensamiento que entendieron el papel de sus disciplinas”.

A busca por conhecer e promover alternativas para os problemas latino-americanos fez com que se desenvolvessem estudos críticos e perspectivas voltadas à emancipação social, com ênfase nos aspectos políticos, culturais e econômicos da região. O hibridismo das culturas e as lógicas identitárias (García Canclini, 1998, 1999), a crítica da economia política e dos processos de dominação e globalização (Echeverría, 2005), a análise da estrutura produtiva da comunicação de massa e do papel da comunicação popular (Kaplún, 1996), bem como os estudos de mediação e recepção foram responsáveis pelo estabelecimento de uma tradição de pesquisas que recoloca o lugar social dos sujeitos no centro da análise. Na perspectiva de Restrepo (2015, p. 24), os estudos culturais elaborados desde a América Latina abrem espaço aos chamados discursos “marginais” e se destacam “no sentido de que as diferenças de classe, raciais, de gênero, geracionais, institucionais e de lugar contam e são significativas em termos intelectuais e políticos”.

A partir do desafio de romper com o pensamento hegemônico, observa-se ao longo das últimas décadas um movimento teórico orientado para a valorização do conhecimento produzido a partir da América Latina. Em uma trajetória recente, situada no final dos anos 1990, um coletivo de intelectuais – conhecido como Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C) – surge com o propósito de demarcar o argumento pós-colonial e aprofundar a crítica em torno de temas desenvolvidos por pesquisadores

vinculados aos estudos culturais latino-americanos. De acordo com Ballestrin (2013, p. 89):

Assumindo uma miríade ampla de influências teóricas, o M/C atualiza a tradição crítica de pensamento latino-americano, oferece releituras históricas e problematiza velhas e novas questões para o continente. Defende a “opção decolonial” – epistêmica, teórica e política – para compreender e atuar no mundo, marcado pela permanência da colonialidade global nos diferentes níveis da vida pessoal e coletiva.

Este breve percurso em torno da trajetória do pensamento formulado na e para a América Latina torna-se relevante, no presente texto, para situar as contribuições registradas ao longo das últimas décadas, bem como demarcar a pertinência das reflexões presentes nos estudos decoloniais para repensar o saber científico e projetar seu potencial de intervenção na sociedade. Assim, mesmo considerando as diferentes temporalidades em que se desenvolveram a teoria da folkcomunicação e a perspectiva decolonial, busca-se estabelecer possíveis aproximações e diálogos teóricos a partir, sobretudo, da noção de subalternidade que perpassa ambas as proposições.

A intenção de estabelecer a interface entre os estudos de folkcomunicação e os estudos decoloniais aplicados à comunicação não se encerra com as considerações contidas neste capítulo. Muito pelo contrário, as ideias e posicionamentos presentes no texto são exposições seminais e servirão para que outros pesquisadores e pesquisadoras se aprofundem ainda mais em ambas áreas do saber e possam assim contribuir para o enriquecimento dos estudos da comunicação.

Compor interfaces entre as duas áreas é uma forma escolhida para reconhecer e verificar que tanto os estudos da folkcomunicação como os decoloniais podem servir de base para fundamentação teórica e metodológica para os estudos da comunicação ao reconhecerem práticas e discursos de grupos e sujeitos marginalizados por uma questão de poder e violência. Mesmo partindo de pontos diferentes, até mesmo divergentes quanto à construção de arcabouços teórico-metodológicos, há intersecções entre as áreas que contribuem para valorizar esses sujeitos no processo comunicacional.

Um outro ponto fundamental a considerar é que o texto não se propõe a estabelecer uma hierarquia ou estratificação entre as duas áreas quanto à importância dentro do campo da comunicação. A proposta é de descortinar sobre saberes e conhecimentos epistemológicos que, muitas vezes, são esquecidos ou negligenciados em procedimentos científicos e políticos, além de ofertar outros olhares para a construção do conhecimento para além daqueles previamente reconhecidos.

Mesmo que a intenção do texto seja estabelecer interfaces, não quer dizer obrigatoriamente que ambas as áreas vão conjugar dos mesmos posicionamentos, haverá perspectivas repelentes, uma vez que ambas partem de considerações epistemológicas diferentes. Para que possamos elucidar sobre a interface entre as duas áreas, o capítulo será dividido em três partes. Na primeira delas iremos apresentar os estudos da folkcomunicação, em seguida, será a vez de apresentarmos as contribuições dos estudos decoloniais e, finalmente, a interface entre elas e as colaborações que ambas podem trazer para os estudos da comunicação.

Estudos de Folkcomunicação

Em uma trajetória de mais de 50 anos, a folkcomunicação tem se estabelecido como uma teoria brasileira com importantes contribuições para as Ciências Sociais e Humanas, ao se dedicar ao estudo dos fenômenos comunicacionais existentes em diferentes contextos socioculturais (Marques de Melo & Fernandes, 2013). Desde a defesa da tese do pesquisador pernambucano Luiz Beltrão sobre os agentes e meios populares de informação e opinião desenvolvida em 1967, os estudos sobre os intercâmbios entre a cultura popular e a comunicação massiva e os diferentes modos a partir dos quais os grupos marginalizados elaboram processos de produção, circulação e recepção de mensagens se colocam no centro do debate. De acordo com Amphilo (2012, p. 03),

a Teoria da Folkcomunicação vem preencher a lacuna comunicacional que havia nos estudos sociológicos, antropológicos, econômicos, lingüistas, da psicologia social, que é o estudo dos processos comunicacionais presentes na comunicação popular e no discurso das camadas populares, expressos nas manifestações folclóricas e populares.

Beltrão (1971, 1980) desenvolveu o conceito de comunicação através do folclore em que diversos agentes e meios são entendidos como veículos de expressão de ideias. Os aspectos populares, informais e artesanais próprios destas formas de comunicação caracterizam as particularidades dos referidos processos protagonizados pelos grupos marginalizados, em oposição aos meios de comunicação tradicionais, em sua maioria de caráter elitista. Em síntese, a teoria da folkcomunicação pressupõe a valorização dos saberes e valores de determinado grupo ou

comunidade, bem como a dimensão coletiva presente nas dinâmicas de intercâmbio de mensagens.

Destaca-se na formulação da teoria de Beltrão o viés de ação ou contestação presente nas mensagens expressas pelos chamados grupos marginalizados.² Em termos de marginalidade cultural, estes grupos “constituem-se de indivíduos marginalizados por contestação à cultura e organização social estabelecida, em razão de adotarem filosofia e/ou política contraposta a ideias e práticas generalizadas da comunidade” (Beltrão, 1980, p. 103).

Outro aspecto importante da teoria consiste na compreensão dos intercâmbios culturais que perpassam tanto as manifestações da comunicação pelo folclore quanto as inter-relações entre meios populares e massivos. Marques de Melo (2008, p. 05) analisa as contribuições de Luiz Beltrão com base nesta perspectiva:

Ao construir um referencial teórico consistente lançou pontes entre a folk-mídia e a mass-mídia. Ele reconheceu o universal que subsiste na produção simbólica dos grupos populares, percebendo ao mesmo tempo que os dois sistemas comunicacionais continuarão a se articular numa espécie de *feed-back* dialético, contínuo, criativo.

Em sua tese de doutorado, Aragão (2017) problematiza o caráter conservador ou revolucionário na obra de Luiz Beltrão, percorrendo os principais marcos teóricos que embasam a folkcomunicação. O autor

2. O autor desenvolve o conceito a partir de três categorias, que não se orientam necessariamente pela definição de classe: grupos rurais marginalizados; grupos urbanos marginalizados e grupos culturalmente marginalizados (rurais e urbanos). Estes últimos representam “contingentes de contestação aos princípios, à moral ou à estrutura social vigente” (Beltrão, 2004, p. 84), o que evidencia um tipo de contraposição às estruturas hegemônicas de poder na base da teoria beltraniana.

oferece elementos conceituais e metodológicos que descaracterizam a filiação de Beltrão ao funcionalismo³ e também diferencia suas pesquisas em relação às tendências desenvolvimentistas de integração nacional vigentes nos anos 1960 na América Latina⁴.

Aragão (2017) sugere uma certa indefinição em termos teóricos e ideológicos em Luiz Beltrão, uma vez que se revelam em sua obra tanto elementos de base positivista, a exemplo do conceito de líder de opinião, quanto as bases do materialismo dialético que sustentam os estudos folclóricos de Edison Carneiro, seu interlocutor. Em outros termos, entende-se a partir do referido estudo que qualquer tentativa de ‘enquadrar’ a teoria em uma corrente de pensamento revela-se insuficiente para uma compreensão mais ampla sobre a obra de Beltrão. Embora sejam reconhecidas aproximações, há distanciamentos significativos que devem ser considerados, sob o risco de uma leitura pouco dialógica em torno da abordagem proposta sobre as relações entre comunicação e cultura.

Mesmo considerando as dificuldades para estabelecer comparações entre diferentes perspectivas teóricas, considera-se aqui o desafio de

-
3. De acordo com Aragão (2017, p. 77): “LB não trabalha com a ideia de função, não descreve como é a estrutura social (conforme as indicações funcionalistas verificadas nesta tese), a estrutura comunicacional também não é elaborada na relação estrutura-partes-função, não faz nenhum uso de pensamento organicista e não tem um método claro de estudo que use as relações causais como parte relevante para análise das situações estudadas. Ou seja, ao encontrarmos características importantes recorrentes em autores funcionalistas e as compararmos com a tese de Beltrão, percebemos que elas não se fazem presentes no trabalho do brasileiro”.
 4. Na análise de Aragão (2017, p. 82): “Há, sim, preocupação do autor com a unidade nacional, com o não diálogo entre a elite dirigente e a população em geral. Essa busca de integração se vincula à ideia de que era preciso tal comunhão para o desenvolvimento nacional, isso significando (também) a adoção de determinadas políticas sugeridas pelas classes dirigentes. LB, em sua tese, passa ao largo de uma discussão de integração no sentido biológico”.

pensar diálogos a partir de autores situados em uma mesma região. Assim, entende-se que a folkcomunicação, em que pesem os vínculos com as vertentes teóricas vigentes no período, representou um momento inaugural para o pensamento comunicacional a partir das bases socio-culturais do país e da região, estabelecendo-se como pioneira de um movimento que se fortaleceu décadas depois e que se encontra em constante renovação diante de novos objetos, problemáticas e reelaborações conceituais.

Decolonizando o Pensamento

Para reconhecer e analisar as contribuições do pensamento decolonial é importante levar em considerações o quanto grupos, sujeitos e conhecimentos foram abafados ao longo de vários anos da humanidade, estabelecendo uma relação de poder e violência contra as práticas silenciadas. A partir do pensamento eurocêntrico e de outras práticas e discursos desenvolvidos principalmente na Modernidade, a construção do conhecimento moderno foi sustentada em ações perversas de violência em nome do poder e que teve como consequência a promoção da invisibilidade e neutralização de discursos e práticas que não estivessem a par das referências estabelecidas na modernidade.

O pensamento decolonial não nasceu dentro das raias da elaboração da ciência pelas práticas positivistas, mas a partir de um movimento político para reconhecer experiências e vivências que foram negligenciadas ao longo de vários anos pela construção da modernidade. Há alguns movimentos que marcaram a ascensão do pensamento como a obra *Os condenados da terra*, do escritor Fanon (2006), escrita em 1961.

Fanon, natural de Martinica, antiga colônia insular francesa, ganhou destaque no universo literário por essa obra que retratava a devassidão ocorrida no período colonial em países denominadas do sul⁵ e a necessidade de reconfigurar a atuação frente à violência promovida.

Anteriormente ao lançamento do livro, outro evento marcou o surgimento do pensamento decolonial: a Conferência de Bandung, um evento que aconteceu em 1955, na cidade de Bandung, Indonésia. Na ocasião africanos e asiáticos se reuniram para debater sobre outras estratégias para promover a rebeldia quanto às representações e papéis desempenhados pelos colonizados. Conforme apresenta Mignolo (2017), o pensamento decolonial debatido na conferência:

Habita a fronteira, sente na fronteira e pensa na fronteira no processo de desprender-se e resubjetivar-se. Este é o legado da Conferência de Bandung. Quem participou da conferência optou por desprender-se: nem capitalismo nem comunismo. ... A grandeza da Conferência de Bandung consistiu precisamente em ter mostrado que a descolonialidade é uma “terceira opção” que não resulta da combinação das existentes, mas consiste em desprender-se delas. Seu limite estriba em ter-se mantido no domínio do desprendimento político e econômico. Não se colocou a questão epistêmica. (Mignolo, 2017, p. 19)

O pensamento eurocêntrico colonizou as formas de elaborar o pensamento, o sentido da produção de conhecimento e os modos de sociabilidade, além de servir como estratégia para estabelecer hierarquias

5. O pensamento do sul apresentado pelo autor dialoga com o posicionamento de Sousa Santos e Meneses (2009). Para os autores, o mundo foi dividido entre norte e sul, sendo aquele foi dominador sobre o sul em vários aspectos sociais, culturais e econômicos. Todavia, há movimentos que prezam pelo reconhecimento das práticas, discursos e saberes elaborados no sul do globo e que devem ser levados em consideração. As epistemologias do sul podem ser aplicadas tanto aos estudos decoloniais como aos estudos da folkcomunicação.

entre os povos que seriam dignos de respeitabilidade e relevância política. A colonialidade desenvolvida a partir do continente europeu, e que se alastrou pelo globo terrestre, desenvolveu estratégias de poder e influência. A decolonialidade é a força que se expressa contrariamente aos vários séculos de domínio europeu, católico e burguês sobre os discursos e práticas silenciados pelo exercício de violência que começaram ainda na Era das Navegações, passando pela consolidação do modo de produção capitalista e alcança a colonialidade do saber e do poder. Segundo Mignolo,

“Colonialidad” es equivalente a “matriz o patrón colonial de poder”, el cual o la cual es un complejo de relaciones que se esconde detrás de la retórica de la modernidad (el relato de salvación, progreso y felicidad) que justifica la violencia de la colonialidad. Y descolonialidad es la necesaria respuesta tanto a las falacias y ficciones de las promesas de progreso y desarrollo que conlleva la modernidad, como a la violencia de la colonialidad. (Mignolo, 2014, p. 24)

A intenção de autores e pensadores decoloniais, além de elaborar outra epistemologia para fora do referencial moderno previamente conhecido, foi de reconhecer práticas e oferecer visibilidade aos discursos abafados, todavia, a construção desse movimento não partiu a relação estabelecida entre dominados *versus* dominadores ou de outras dualidades. Os pensadores decoloniais arquitetaram suas posições não pela hierarquização, mas a partir da reflexão sobre a potencialidade do próprio grupo/comunidade elaborar seus conhecimentos a partir da própria vivência e realidade. Destarte, vêm à tona pensamentos elaborados por grupos e escritores de países da América Latina como, por exemplo, Brasil, Bolívia, Venezuela, Paraguai e ex-colônias europeias do Caribe,

além de países asiáticos como a Índia e africanos como África do Sul e Congo. Exponentes latino-americanos do grupo Modernidade/Colonialidade como Aníbal Quijano, Enrique Dussel, Fernando Coronil, Walter Dignolo, Santiago Castro-Gómez, Nelson Maldonado-Torres, Silvia Rivera Cusiquanqui, Arturo Escobar e dentre outros também ganham destaque no cenário acadêmico.

Por isso que Quijano (2000), um dos precursores do pensamento decolonial, desenvolveu o conceito de colonialidade do poder que se alastra por cinco vertentes de atuação: economia, autoridade, natureza/recursos naturais, gênero/sexualidade e subjetividade/conhecimento. Em cada uma das suas atuações, a colonialidade pode ser compreendida como sendo um dos signos que compuseram e elaboraram o padrão universal do poder capitalista. A colonialidade, para o autor, estabelece classificações hierárquicas da população mundial, entre aqueles que são humanos e aqueles que podem ser considerados subalternos em face do poder, além de apresentar modos de pensar, construir subjetividades e criar práticas sociais, inclusive no cotidiano.

Um outro ponto importante a salutar sobre a decolonialidade é quanto à sua atuação em referência ao espaço geográfico, mesmo nascida em países periféricos da América Latina, África e Ásia, esse outro modo de pensar o conhecimento não pode se limitar aos espaços geográficos. O pensamento decolonial expressa pensamentos e ações que fogem das estruturas de poder, independentemente da localidade geográfica; o que são levados em consideração são os modos de experienciar e refletir sobre as sociabilidades, comunicação e vivência a partir da realidade do grupo. Por esse modo que as considerações pós-coloniais, como as contribuições de Said (2007), e os estudos marxistas não são suficientes

para os estudos decoloniais. Os primeiros ainda tratam a visibilidade daqueles que são diferentes das estruturas de poder como alheios, ou seja, de acordo com a visão decolonial, a dualidade entre forças opostas não promove o reconhecimento daquelas que foram silenciadas ao longo de vários anos de existência, da mesma forma que os adjetivos e referências dos sujeitos e grupos silenciados eram estabelecidos segundo a visão dos dominadores, o que explica a forma como o Oriente foi concebido pelo Ocidente: exótico, diferente, por exemplo, conforme apontou Said.

Pela visão decolonial, as considerações pós-coloniais estão mais próximas da ideia pós-estrutural ou pós-moderna e reproduzem as considerações de autores como Michel Foucault, Félix Guatarri e Gilles Deleuze. Esses e outros autores recompuseram o sentido e outras formas de sentido acerca de valores como poder, sexualidade e identidade, todavia, ainda se limitaram aos aspectos da vida burguesa e eurocêntricos. No espectro decolonial o pensamento de autores pós-estruturais e pós-modernos, mesmo oferecendo outras propostas epistemológicas, não necessariamente traduziria a realidade vivida em espaços distantes do poder. Para o pensamento decolonial, um fator complicador da epistemologia pós-colonial era o perigo de construir o *outro* a partir da influência de intelectuais e das ações de poder, como apontou Spivak (2010). Quanto ao pensamento marxista, a crítica decolonial também se articula sob o mesmo viés de uma ideia eurocêntrica, além de estabelecer uma relação de hierarquização entre aqueles que são dominados (classe operária) e dos dominadores (detentores dos meios de produção).

Conforme apontado por Mignolo (2017), a intenção do pensamento decolonial é promover a descolonização do pensamento, oferecer outra

forma de pensar que não seja por um caminho capitalista, nem socialista. Para o autor:

Apresentando-se como uma opção, o decolonial abre um novo modo de pensar que se desvincula das cronologias construídas pelas novas epistemes ou paradigmas (moderno, pós-moderno, altermoderno, ciência newtoniana, teoria quântica, teoria da relatividade etc.). Não é que as epistemes e os paradigmas estejam alheios ao pensamento decolonial. Não poderiam sê-lo; mas deixaram de ser a referência da legitimidade epistêmica. (Mignolo, 2017, p. 15)

Mesmo prezando pela oferta de outros caminhos para se pensar a vida em espaços considerados marginalizados e silenciados, o pensamento decolonial não incentiva o desuso das demais epistemologias, mas sim a possível contribuição de outras vivências, experiências e objetos para além daquelas consagradas.

Entre a Folkcomunicação e a Decolonidade: Contribuições aos Estudos da Comunicação

O pensamento decolonial, mesmo em constante construção ao longo de mais de 60 anos, no campo da comunicação ainda não se encontra no mesmo patamar dos estudos de folkcomunicação. Esta perspectiva teórica tem uma epistemologia consolidada e espaços de debate, discussão e apresentação de trabalho em eventos nacionais e internacionais específicos e grupos temáticos em eventos e instituições da área

da comunicação.⁶ É válido destacar ainda a manutenção, desde 2003, de um periódico científico focado nos estudos folkcomunicacionais: a *Revista Internacional de Folkcomunicação* (RIF) (<https://www.revistas.uepg.br>), que publica artigos, resenhas e ensaios fotográficos sobre folkcomunicação, cultura popular e áreas correlatas das Ciências Humanas e Sociais.

A presença do pensamento decolonial, além de recente com esta terminologia, é mais marcante nos estudos de Sociologia e Antropologia, além dos estudos de gênero e sexualidade que repensaram as teorias feministas para além das bases já consagradas. Autoras como Lugones (2019), que apresenta a reconfiguração do pensamento feminista sob outra ótica; Gonzalez (2020), que pensa o feminismo a partir da realidade latino-americana tendo como foco mulheres afro-descendentes; Oyěwùmi (2020), que apresenta desafios para epistemologias africanas e Bairros (2020), que discute o feminismo a partir da realidade brasileira, também contribuíram para pensar outras práticas, discursos e ações políticas para o feminismo decolonial.

Na perspectiva latino-americana, segundo Ballestrin (2013), alguns conceitos fundamentam os estudos decoloniais, tais como a colonialidade

6. Os registros da trajetória de consolidação da teoria podem ser observados pela atuação de entidades científicas da área da Comunicação. Em relação aos eventos científicos, registra-se a 1ª Conferência de Folkcomunicação, na Universidade Metodista de São Paulo, em agosto de 1998, sob a coordenação do professor José Marques de Melo, evento que culminou com a criação da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom). Também no ano de 1998 se tem registro dos primeiros trabalhos de folkcomunicação apresentados nos congressos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e da criação do Grupo de Trabalho de Folkcomunicação da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (Alaic). Além disso, a expansão internacional da folkcomunicação está contemplada no grupo de folkcomunicação da Federação das Associações Lusófonas de Ciências da Comunicação (Lusocom) e do Congresso da Associação Ibero-Americana de Comunicação (Ibercom).

do poder, as relações de dominação entre modernidade e colonialidade, a geopolítica do conhecimento e o chamado giro decolonial, movimento que reivindica um posicionamento nos níveis teórico, político e epistemológico. Na análise da autora (Ballestrin, 2013, p. 108), “aquilo que é original dos estudos decoloniais parece estar mais relacionado com as novas lentes colocadas sobre velhos problemas latino-americanos do que com o elenco desses problemas em si”.

Em outros termos, entende-se que os estudos decoloniais partem de problemáticas que marcaram o pensamento latino-americano nas últimas décadas, que são reformuladas a partir de um posicionamento particular situado na colonialidade do poder e do saber. Por isso mesmo, nas palavras da Ballestrin (2013, p. 109), “decolonizar a teoria, em especial a teoria política, é um dos passos para decolonização do próprio poder”.

Na área da comunicação, Torrico (2019) relata sobre a importância de pensar a comunicação para além dos pensamentos e epistemologias convencionalmente conhecidas. A intenção do autor é de descortinar a realidade abafada, além de tecer críticas ao que ele denominou como Comunicação “Ocidental”, ou seja, teorias e epistemologias mais associadas ao eurocentrismo, além de promover:

reinterpretação e acréscimo de elementos da crítica utópica desenvolvida pelos comunicólogos militantes da América Latina, examina a necessidade de promover neste campo uma ruptura decolonial com o “centro universalista” que a Modernidade impôs. (Torrico, 2019, p. 89)

Para pensar essa nova ordem, o autor considera que a comunicação “ocidental” colonizou a área dos estudos da comunicação, implantando referências associadas à mecanicidade e ao pragmatismo, principalmente

a partir das epistemologias estadunidenses. Para Torrico, a comunicação deve ultrapassar esse entendimento:

Na concepção dos pensadores críticos da América Latina, a comunicação é um processo constitutivo do humano e do social, preexiste aos meios que a transmitem ou amplificam e supõe a construção de um com-saber (um “conhecimento com o outro”) em uma relação recíproca de natureza dialógica e convivial que deve ser realizada dentro de uma estrutura de direitos. (Torrico, 2019, p. 101)

Assim, Torrico acredita que deverá haver a ruptura do pensamento na área da comunicação e, por isso, ela deve ser considerada *ex-cêntrica*. Na linguagem coloquial, excêntrico quer dizer algo fora do convencional, extravagante. Todavia, no entendimento do autor deveria haver uma subversão teórica, um “afastamento consciente e deliberado do que está ‘centralizado’ e, conseqüentemente, dá impulso a uma opção diferente” (Torrico, 2019, p. 103). Reconhecer o pensamento decolonial dentro do pensamento latino-americano de comunicação é contemplar outras formas de pensar a comunicação enquanto epistemologia e também ação política. Nessa passagem, o pensamento decolonial tangencia os estudos de folkcomunicação.

A natureza transdisciplinar da folkcomunicação e a apropriação da teoria por distintas áreas do conhecimento revelam também um aspecto importante em termos epistemológicos. Em sua crítica ao paradigma dominante de ciência e à tendência a separação dos saberes, Sousa Santos (2004) reelabora as bases de um outro modo de construção do conhecimento. E, neste sentido, em uma proposta de aproximação com as epistemologias do sul, a folkcomunicação pode ser entendida, segundo Nobre e Gico (2015, p. 38), como uma “forma

de pensamento alternativo sobre os pensamentos alternativos, oriundos da classe subalterna”, dadas as características de artesanidade e de horizontalidade do saber.

A compreensão sobre a Folkcomunicação no contexto das epistemologias do sul pode ser elucidada no entendimento desta como uma linha de pensamento que tende a se opor ao epistemicídio, em linhas gerais, nas suas proposições teóricas, reflexivas e divulgadoras do pensamento popular, das mensagens geradas pelos ativistas midiáticos como um retrato da cultura local, regional; tendo como aporte de conhecimento o repositório tradicional, popular e alternativo do cantador de viola, do repentista, do cordelista, do negro, do índio, do trabalhador rural e urbano, entre outros diversos líderes de opiniões senão superando, mas oportunizando a visibilidade e a distribuição nos meios mais apropriados a essa geração de conhecimento; quais sejam, os vinculados aos próprios meios de produção da mensagem. (Nobre & Gico, 2015, p. 39)

O questionamento em torno do saber científico e a busca pela construção social do conhecimento a partir de referenciais próprios dos indivíduos e grupos sociais figuram como preocupações nos estudos folkcomunicacionais e nos estudos decoloniais. Tratam-se de contribuições para o campo da comunicação que surgem a partir do tensionamento entre as disciplinas, do reconhecimento do lugar dos sujeitos e dos próprios pesquisadores e pesquisadoras na produção científica e dos modos de pensar e intervir na realidade social.

Considerações Finais

De acordo com José Marques de Melo (2008, p. 90), a folkcomunicação “representa, inegavelmente, uma estratégia contra-hegemônica das classes subalternas”. Ao tratar das práticas de comunicação dos grupos

marginalizados, a folkcomunicação direciona o olhar para lógicas não hegemônicas, realizadas a partir de meios distintos dos tradicionais. Este aspecto possibilita uma aproximação com a perspectiva decolonial, para a qual, segundo Spivak (2010), o sujeito subalterno é aquele cuja voz não pode ser ouvida. Embora a importância do lugar de enunciação tenha sido desenvolvida de forma mais evidente em estudos mais recentes de folkcomunicação, que têm incorporado a perspectiva da diferença na análise dos fenômenos sociais, a atribuição de protagonismo a sujeitos silenciados ao longo do tempo se revela na obra beltraniana por meio do registro de veículos informais utilizados pelos grupos para informar e expressar valores e saberes locais em linguagem popular (Beltrão, 2001).

A aproximação crítica e criativa entre as duas perspectivas – folkcomunicação e decolonialidade – resulta em reflexões pertinentes e atuais que remetem ao contexto de subalternidade de determinados grupos e práticas culturais. Se, para Luiz Beltrão, os grupos marginalizados elaboram uma cultura própria e são capazes de produzir resistências a um tipo de hegemonia, o questionamento em torno das hierarquias sociais permite a atualização de uma leitura cultural diante de novas (e velhas) formas de opressão.

Embora a perspectiva decolonial, em uma abordagem crítica do marxismo, retire a centralidade do conceito de classe para a análise social, é evidente o reconhecimento de lógicas que relacionam os processos culturais à economia política. Neste sentido, observa-se também uma aproximação interessante com a teoria da folkcomunicação, que em sua base original não utiliza do referencial classista na identificação dos grupos marginalizados, mas reconhece uma situação de exclusão que se manifesta em termos de hegemonia.

A crítica à base capitalista da cultura situa-se, portanto, como ponto de convergência entre as perspectivas teóricas da folkcomunicação e do pensamento decolonial, em suas reflexões sobre as estruturas de poder. A proposta de decolonizar o pensamento, desconstruindo hierarquias que promovem desigualdades entre os indivíduos, revela-se uma tarefa para o campo científico. O abandono de uma ideia pretensamente universal de ser humano – baseada em um sujeito com sexo, cor e classe social reconhecidos – integra o processo de construção de paradigmas capazes de romper com leituras anguladas no Ocidente.

No presente texto, foram apresentadas algumas reflexões teóricas que evidenciam as possibilidades de aproximação entre a perspectiva da decolonialidade e abordagens folkcomunicacionais, ainda que com as devidas ressalvas em termos temporais e conceituais. A contestação de estruturas e hierarquias sociais, as reflexões em torno de epistemologias que problematizam a hegemonia do Ocidente, as práticas de resistência cultural de grupos e setores marginalizados ou subalternos, entre outros aspectos, reforçam a pertinência do tema e apontam para possíveis desdobramentos para o pensamento comunicacional na América Latina.

Referências

- Amphilo, M. (2012). Folkcomunicação e as teorias sociais. *Razón y Palabra*, 16(1_80), 136-158.
- Aragão, I. P. (2017). *Elos teórico-metodológicos da folkcomunicação: retorno às origens (1959-1967)* [Tese de Doutorado, Universidade Metodista de São Paulo]. TEDE. <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1670>

Ballestrin, L. (2013). América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, (11), 89-117. <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>

Beltrão, L. (2001). *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*. EDIPUCRS.

Beltrão, L. (1971). *Comunicação e folclore*. Melhoramentos.

Beltrão, L. (1980). *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. Cortez.

Beltrão, L. (2004). *Folkcomunicação: teoria e metodologia*. UMESP.

Echeverría, B. (2005). *La modernidad “americana” (claves para su comprensión)* [Manuscrito não publicado]. http://www.bolivare.unam.mx/ensayos/la_modernidad_americana_

Fanon, F. (2006). *Os condenados da terra*. Editora UFJF.

García Canclini, N. (1999). *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. UFRJ.

García Canclini, N. (1998). *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. USP.

González, J. A. (2016). *Sociologia das culturas subalternas*. Appris.

- Gonzalez, L. (2020). Por um feminismo afro-latino-americano. In H. B. Hollanda (Org.), *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais* (pp. 38-51). Bazar do tempo.
- Kaplún, M. (1996). *El comunicador popular* (2ª ed.). Lúmen-Humanitas.
- Lugones, M. (2019). Rumo a um feminismo decolonial. In H. B. Hollanda (Ed.), *Pensamento feminista: conceitos fundamentais* (pp. 357-378). Bazar do tempo.
- Marques de Melo, J. (2008). Mutações em folkcomunicação: revisitando o legado beltraniano. *Razón y Palabra*, (60). <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n60/mmelo.html>
- Marques de Melo, J. (2003). *História do pensamento comunicacional*. São Paulo: Paulus.
- Marques de Melo, J., & Fernandes, G. M. (Eds.), (2013). *Metamorfose da folkcomunicação: antologia brasileira*. Editae Cultural.
- Martín-Barbero, J. (2003). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Editora UFRJ.
- Martín-Barbero, J. (2014). Pensar la Comunicación en Latinoamérica. *Revista de Estudios para el Desarrollo Social de la Comunicación*, 0(10), 21-39. doi: [10.15213/redes.n10.p21](https://doi.org/10.15213/redes.n10.p21)
- Mignolo, W. (2017). Desafios Decoloniais Hoje. *Epistemologias do Sul*, 1(1), 12-32.

- Mignolo, W. (2014). Retos decoloniales, hoy. In M. E. Borsani & P. Quintero (Eds.), *Los desafíos decoloniales de nuestros días: pensar en colectivo*. EDUCO - Universidad Nacional del Comahue.
- Nobre, I. M., & Gico, V. V. (2015). A Folkcomunicação no contexto da epistemologia do sul: reflexões iniciais sobre uma descolonização das ideias. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, 13(29), 31-49. <https://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/1956>
- Oller, M. & Tornay, M. C. (2017). Hacia un periodismo-otro: culturas periodísticas en América Latina, en el marco del giro decolonial. In M. Oller (Ed.), *Culturas periodísticas iberoamericanas: La diversidad de un periodismo próprio* (pp. 317-339, Série Cuadernos Artesanos de Latina). Sociedad Latina de Comunicación Social.
- Oyěwùmi, O. (2020). Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In H. B. Hollanda (Org.), *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais* (pp. 54-95). Bazar do tempo.
- Quijano, A. (2000). Colonialidad del poder y clasificación social. *Journal of world-systems research*, 11(2), 342-386.
- Restrepo, E. (2015). Sobre os Estudos Culturais na América Latina. *Educação*, 38(1) 21-31.
- Said, E. (2007). *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Companhia das Letras.

Spivak, G. C. (2010). *Pode ser o subalterno falar?* Editora UFMG.

Sousa Santos, B. (2004). *Um discurso sobre as Ciências* (2ª ed.). Cortez.

Sousa Santos, B. de, & Meneses, M. P. (Eds.). (2009). *Epistemologias do Sul*. Edições Almedina.

Torrico, E. (2019). Por uma comunicação ex-cêntrica. *Revista Matrizes*, 13(3), 89-107.